



BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIANE DOS SANTOS SOUZA COUTINHO

**O RACISMO E OS IMPACTOS CAUSADOS NA CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO**

**Conceição do Coité – BA
2023**

MARIANE DOS SANTOS SOUZA COUTINHO

**O RACISMO E OS IMPACTOS CAUSADOS NA CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO**

Artigo científico apresentado à Faculdade da Região
Sisaleira como Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Bacharela em Psicologia

Orientador: Prof. Me. Jacson Balduino Silva.

Coorientador: Albert Henrique de Jesus Silva.

**Conceição do Coité – BA
2023**

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/001222

C837 Coutinho, Mariane dos Santos Souza
O racismo e os impactos causados na construção da subjetividade
do indivíduo./Mariane dos Santos Souza Coutinho – Conceição do
Coité:FARESI,2023.
16f..

Orientador: Prof. Me. Jacson Baldoino Silva.
Artigo científico (bacharel) em Psicologia. – Faculdade da
Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2023.

1 Psicologia. 2 Racismo. 3 Sofrimento. 4 Subjetividade. I
Faculdade da Região Sisaleira – FARESI.II Silva, Jacson Baldoino.
III Título.

CDD: 320.56

MARIANE DOS SANTOS SOUZA COUTINHO

**O RACISMO E OS IMPACTOS CAUSADOS NA CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade da Região Sisaleira.

Aprovado em 7 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Aderjan Albert da Silva Argolo / aderjanalbert.lettrasufs@gmail.com

Albert Henrique de Jesus Silva / albert.psicologia.ac@gmail.com

Emanuelle Ressurreição Santos Carneiro Dantas / emanuelletils@ufrb.edu.br

Jacson Silva / jacson.baldoino@faresi.edu.br

Rafael Reis Bacelar Antón/ rafael.anton@faresi.edu.br



Rafael Reis Bacelar Antón
Presidente da banca examinadora
Coordenação de TCC – FARESI

**Conceição do Coité – BA
2023**

OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS CAUSADOS PELO RACISMO NA CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DO SUJEITO

Mariane dos Santos Souza Coutinho¹

Jacson Baldoino Silva²

Albert Henrique de Jesus Silva³

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade analisar o racismo como lugar de sofrimento e sua interferência na construção psicossocial do indivíduo. Os dados foram coletados em Santaluz (Bahia) por meio de entrevista semiestruturada com 3 participantes, sendo duas mulheres e um homem, que se identificam como pessoas negras; os critérios de inserção dos participantes foram: i) ser negro ii) ter vivenciado ou estar vivenciando situações de racismo no conjunto social que esta ou já esteve inserido; iii) residir em Santaluz (Bahia). A presente pesquisa demonstrou o quanto o racismo interfere direta e indiretamente na construção psicossocial do indivíduo, mostrando que o racismo, assim como os atos racistas, são construções que muitas vezes geram sofrimento não só de forma física como psíquica, além de interferirem no âmbito econômico, educacional, social e da saúde mental das pessoas negras. O estudo ressalta a relevância de novos debates sobre como o racismo impacta na formação psicossocial do indivíduo negro, refletindo sobre o compromisso com a compreensão e respeito pela subjetividade dessas pessoas, o qual também é um dos fazer do campo da psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Sofrimento. Subjetividade.

ABSTRACT

This study aims to analyze racism as a place of suffering and its interference in the psychosocial construction of the individual. The data was collected in Santaluz (Bahia) by means of semi-structured interviews with 3 participants, two women and one man, who identify themselves as black people; the criteria for inclusion of the participants were: i) being black ii) having experienced or experiencing situations of racism in the social context in which they live or have lived; iii) living in Santaluz (Bahia). This study has shown how racism interferes directly and indirectly in the psychosocial construction of the individual, showing that racism, as well as racist acts, are constructions that often generate suffering not only physically but also psychically, as well as interfering in the economic, educational, social and mental health spheres of black people. The study highlights the relevance of new debates on how racism impacts on the psychosocial formation of black individuals, reflecting on the commitment to understanding and respecting the subjectivity of these people, which is also one of the tasks of the field of psychology.

KEYWORDS: Racism. Suffering. Subjectivity.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Psicologia. E-mail: mariane.coutinho@faresi.edu.br.

² Orientador. E-mail: jacson.baldoino@faresi.edu.br.

³ Coorientador. E-mail: albert.psicologia.ac@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o racismo e seu contexto histórico, mas pouco se debate debatido sobre os prejuízos psicológicos e morais, dentre tantos outros, causados a quem é exposto a tais atos, bem como isso interferiu e interfere até os dias atuais na formação subjetiva e em questões psicológicas do indivíduo enquanto pessoa preta no conjunto social.

O racismo abarca todo um contexto histórico de sofrimentos, lutas e anseios, os quais reverberam até os dias de hoje. Schucman (2010) refere-se ao racismo como sendo qualquer atitude ou pensamento por meio do qual se separe as raças humanas como sendo superiores as outras, fazendo com que os negros se sintam inferiores diante de todo o processo histórico, social e econômico. Todas as sucessões pelas quais os indivíduos que sofrem racismo passaram e passam fazem com que a construção da sua subjetividade seja afetada.

O racismo é algo complexo, sendo uma forma sistemática de discriminação que está entranhado na estrutura social e acaba por ter como justificativa a cor da pele, se apresentando através de práticas tanto conscientes quanto inconscientes que fazem com que determinado grupo tenha desvantagens ou privilégios de acordo com o grupo ao qual ele pertence (Almeida, 2019).

Como afirma Ribeiro (2019, p. 12), “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”. O que causa sofrimento e danos não só físicos, como morais, e psicológicos que irão interferir diretamente na construção da formação psicossocial do negro e de sua subjetividade, devido a traumas, não aceitação, sentimento de inferioridade e incapacidade de um indivíduo que sofreu racismo perante o outro.

A vista disso, a pergunta-problema que rege esta pesquisa é: *De que modo o racismo causa danos que irão interferir na construção psicossocial do indivíduo?* A partir do que foi exposto, o presente trabalho tem como objetivo geral *discutir acerca dos danos psicológicos causados pelo racismo na construção psicossocial da pessoa negra*. Por conseguinte, como objetivos específicos: i) abordar situações das quais se encontram entranhadas na sociedade de forma velada ou explícita, e que faz com que o sujeito se depre em um lugar de sofrimento psíquico, inseguranças e inferioridade.

Dessa forma, é improtelável discutir os danos causados pelo racismo na formação psicológica e social dos indivíduos negros na sociedade. Apesar de os atos discriminatórios serem amplamente reconhecidos, há pouca reflexão sobre o sofrimento psíquico, seus anseios, desigualdades e os impactos diretos e indiretos experimentados por aqueles que são alvo dessas práticas.

2 METODOLOGIA

A metodologia é de grande relevância na produção de um trabalho científico. O método empregado neste trabalho consiste numa perspectiva qualitativa, tendo como forma de coleta de dados *entrevistas semiestruturadas*, tendo por finalidade gerar conhecimento de caráter informativo e reflexivo. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir os acontecimentos estudados, mas parte de indagações ou focos de grandes interesses, que vão se estabelecendo ao longo do estudo. Envolvendo a aquisição de dados descritivos dos sujeitos, lugares e processos interativos, buscando a compreensão dos fenômenos a partir da perspectiva dos participantes da situação em estudo.

Conforme abordado por Queiroz (1988), a entrevista semiestruturada é um método de coleta de dados que pressupõe uma interação contínua entre o entrevistado e o pesquisador, sendo este último responsável por guiar a conversa de acordo com seus objetivos. Tornando-se assim, escolhida como modelo de entrevista devido a possibilidade de ter o contato com o entrevistado de forma a guiar para o tema de interesse, possibilitar uma escuta atenta, além da flexibilidade e a viabilidade de fazer essa pequena entrevista de forma breve.

Dessa maneira, os critérios de inserção dos participantes foram: i) ser negro ii) ter vivenciado ou estar vivenciando situações de racismo no conjunto social que esta ou já esteve inserido; iii) residir em Santaluz (Bahia), cidade de abrangência do estudo. Tendo como base esses critérios, 4 participantes foram convidados para participarem da pesquisa, sendo que um desses não pode participar, apesar do interesse, pelo fato de estar viajando. Dessa forma, participaram da pesquisa 3 adultos, sendo um homem e duas mulheres, que se identificam como negros.

Os entrevistados foram contatados por telefone de forma individual, momento no qual foram convidados a participar da pesquisa. Uma vez aceito o convite, um encontro foi marcado para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio do qual os participantes foram informados dos aspectos éticos e metodológicos da pesquisa. Logo após, a data, horário e o local das entrevistas foram definidos conforme disponibilidade de cada participante. Por questões éticas, os 3 participantes da pesquisa serão identificados com nomes de escritores contemporâneos negros: Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e Jeferson Tenório.

O roteiro da entrevista semiestruturada tinha como questões norteadoras:

- i) Como se vê como pessoa negra na sociedade?

- ii) Se sente, ou já se sentiu triste, ansioso ou inseguro por conta da sua cor diante de outras pessoas?
- iii) Sente ou já sentiu a necessidade de agradar as pessoas com frequência, seja em relação a aparência, questões do seu cotidiano ou no ambiente de trabalho?
- iv) Já se sentiu violado física ou psicologicamente perante o outro por questão de cor da pele?

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente e, por uma questão metodológica, optamos por apresenta os dados em articulação com a teoria, visando uma articulação mais profícua entre teoria e dados coletados.

3 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO NEGRO PERANTE A SOCIEDADE

No início da escravidão, ao serem retirados abruptamente do seu lar sem direito de escolha, tratados pior que animais selvagens, os negros eram colocados em porões de navios, onde passavam semanas algemados, sendo feridos, agredidos, assassinados, morrendo por consequência do lugar fétido e repulsivo, por serem tratados como *algo* não como *alguém*, o que ressalta o quanto nenhum outro local no mundo reuniu tamanha desgraça quanto os navios que transportavam escravizados (James, 2010).

Como afirma James (2010), os escravizados eram levados como carga para as docas, onde acontecia a comercialização, sendo expostos a exames físicos de maneira íntima e humilhante pelos compradores, tendo seus corpos marcados como de animais aos quais o dono marca com intuito de tornar-lhe sua propriedade. Colocados para trabalhar de forma insensível, alojados em locais inapropriados, tendo sua mão de obra explorada diariamente; eram sujeitos em lugar de sofrimento e que tiveram suas identidades, culturas e crenças roubadas, sendo definidos por sua cor e visto como um objeto de compra e troca.

Além de todo o sofrimento, violência física e violação de direitos, os negros, comumente referenciados como “bestiais” e “feras” pelos escravocratas que alegavam que esses indivíduos eram sujeitos sem história, também tinham suas características físicas discriminadas, os associando a animais, algo que predominou e que fez as práticas discriminatórias raciais reverberarem até os dias de hoje no conjunto social (Almeida, 2019).

Almeida (2019) retrata a forma como os escravos enquanto objeto passaram a ser vistos perante a lei e o direito, sendo considerados como propriedades privadas, bens semoventes; não podiam se expressar ou opinar, apenas acatar a ordem daquele a quem foram vendidos e intitulado como seu dono, o que conferia ao seu proprietário controle sobre suas vidas e

atividades. Isso demonstra o quanto a lei, como forma de poder, concedia vantagens aos “senhores” brancos fazendo com que tivessem o domínio sobre os negros traficados.

Segundo a cartilha do Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2017), em certo sentido, após a abolição, a primeira política pública do Brasil, notoriamente, beneficiava demasiadamente os imigrantes. As pessoas negras foram frequentemente integradas de maneira discriminatória no processo produtivo, sendo deixadas predominantemente com ocupações voltadas para área rural, que possuía declínio econômico. Em termos gerais, os negros libertos foram designados para trabalhos urbanos desqualificados e atividades que envolvam riscos mortais.

Essa realidade não mudou muito na atualidade, pois, estando a margem no acesso à educação, é presumível que as pessoas negras tenham dificuldades para conseguir trabalho. O que acaba por ter como consequência um menor poder aquisitivo, fazendo com que elas tenham maior dificuldade para conseguir um emprego, bem como permanecer nele; a pobreza, e o acesso à uma educação muita das vezes precária, ajudam a reforçar os estereótipos racistas que têm a ideia de que o negro não tem capacidade suficiente para ocupar vagas em trabalhos que visam questões intelectuais. Com isso, o ciclo de práticas discriminatórias se repetem através de condutas cotidianas que se encontram entranhadas também do âmbito do mercado de trabalho (Almeida, 2019).

Almeida (2019) relata o trabalho assalariado e trabalho escravo como sendo formas de trabalho que não devem ser encaradas como entidades separadas, mas sim como componentes integrados e interdependentes dentro de uma estrutura mais ampla sendo elas sociais e históricas. A escravidão não deve ser isoladamente estudada, mas examinada em relação às outras formas de trabalho que compõem o cenário econômico, seja assalariado ou não. O racismo se apresenta de forma objetiva no meio econômico a partir do momento em que se privilegia o grupo racial dominante e prejudica o grupo minoritário, recaindo em sua maioria as desvantagens sobre mulheres e homens negros(as) (Almeida, 2019).

A população branca no Brasil possui domínio capital, financeiro, influência no poder político e alcança níveis mais elevados de escolaridade e pagamentos, desfruta de condições de privilégios de acesso ao trabalho e educação. Complementarmente, obtém reconhecimento profissional mais amplo, além de usufruir de maior segurança pública, mantendo assim a representação de que o indivíduo negro perante a sociedade é visto como o economicamente desfavorecido, subalterno, e inferior, ao mesmo tempo que eleva a imagem do branco como o padrão ideal.

Dessa forma, o racismo questiona a concepção de mérito, indicando que a posição privilegiada da população branca não é meramente resultado de esforço pessoal, mas uma herança histórica (Conselho..., 2017; Almeida, 2019). Essa realidade demonstra o quanto o racismo, muitas das vezes, tem raízes que perpassam pelos sistemas político e histórico, sendo de grande influência no processo de Constituição de subjetividades de indivíduos cuja consciência e afetos estão marcados por tais narrativas de sofrimento, história estas que continuam entranhadas na sociedade, fadadas à repetição, consciente e inconsciente (Almeida, 2019).

Demonstrando o quanto ainda hoje a visão de que o negro é um indivíduo sem conhecimento, ou merecimento de estar em determinados lugares que o ponha como superior pode incomodar alguma classe social, pois muitas das vezes após conseguir concluir um ensino superior e, tendo a capacidade técnica necessária para determinado cargo, o negro é posto como incapaz. Seja em relação a uma escolaridade deficitária que pode acabar interferindo diretamente de forma negativa ou por todo o contexto e estigma estrutural de que o negro é incapaz de ter uma boa educação. Essa realidade se faz presente na fala da participante Carolina Maria de Jesus:

Já me senti insegura em algumas situações as quais envolviam escolha, em exemplo a processos seletivos. Atualmente não me sinto pois tenho convicção de que tonalidade da pele não te faz diferente de ninguém, apesar de saber e vivenciar em outros momentos o quanto infelizmente a sociedade ainda faz essa correlação e o quanto isto acaba afetando diretamente em diversas áreas da nossa vida, pelo simples fato de ser negra (Conceição Evaristo).

A sociedade, infelizmente, muitas vezes perpetua estereótipos e preconceitos com base na cor da pele, o que pode impactar na vida das pessoas negras em diversas áreas, incluindo oportunidades de emprego, educação e até mesmo interações sociais. Fazendo com que a constituição dessa subjetividade seja repleta de inseguranças e de sentimento de impotência diante das adversidades, pois o racismo como um todo interfere tanto no âmbito social e econômico, quanto no campo psíquico desse indivíduo.

Assim, o negro, caracterizado como algo que não existe perante a sociedade colonizada, é, de forma velada, posto em uma zona de hostilidade, na qual busca por uma identidade que não seja a do sujeito com as características físicas, culturais, linguísticas de sua origem, tentando uma busca incessante por aprovação pela sociedade colonialista branca mesmo que de forma involuntária (Fanon, 2020). Para Fanon (2020), ao buscar se enquadrar em um modo, tido como o correto de conviver em sociedade, o negro se encontra em uma zona do não ser,

onde a busca de compreensão e formação indenitária muitas vezes é descartada por causar desconforto e sofrimento, dificultando assim a indagação por uma formação de identidade a qual não seja moldada por características coloniais.

O autor traz indagações acerca de pessoas negras em busca de uma aprovação ou modo de ser aceito na sociedade de forma a ser notado como “meio branco”, pois isso acaba gerando uma espécie de validação, o que possibilita uma reflexão se é possível para o negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsando assim o caráter compulsivo que tanto o aproxima do comportamento fóbico, já que no negro existe uma exacerbação afetiva, inferioridade e incapacidade para qualquer comunhão que o confine em uma insularidade intolerável.

Essa hierarquização molda as identidades e os estilos de vida, uma vez que, associados ao topo considerado ideal, está a população branca, mais propensa a se constituir subjetivamente de maneira positiva. Em contrapartida, a população negra muitas vezes enfrenta uma luta contínua e, por vezes, desafia o sentimento de inferioridade. Além disso, carrega consigo o fardo da culpa por não se alinhar ao suposto ideal, somado ao sofrimento constante diante de situações de opressão (Conselho..., 2017).

A entrevistada a seguir fala sobre a percepção da sua cor, o que demonstra o quanto a pessoa negra, mesmo que de maneira imperceptível por ela, tenha mecanismos de defesa dos quais buscam estar se reafirmando, desde a infância com qualidades positivas em relação a sua cor ou características físicas, como uma forma de enfrentar as definições e estigmas impostos pela sociedade:

Eu sempre fui bem resolvida sobre minha cor, porque como escutava quando criança que eu era morena eu sempre achei bonito e já fiz minha cabeça desde de pequena que era uma coisa positiva (Ana Maria Gonçalves).

A fala acima explícita o quanto a questão da cor da pele do negro intitula o outro desde o início da sua vida, o acompanhando até a vida adulta, fazendo parte formação da construção da sua subjetividade no meio psicossocial.

Por momentos, buscando forma de cicatrizar as feridas e adquirir reconhecimento, além de sensação de se sentir pertencente, o negro projeta-se de forma consciente ou inconsciente na brutal e infatigável tarefa de ser o melhor, seja esteticamente, na escola, ou no trabalho (Conselho..., 2017). Compreendendo assim, que o negro tem relutância em se satisfazer em seu modo. Existindo como porta de saída para ele apenas o mundo branco, buscando com isso adquirir formas de propriedades voltadas para este mundo, no qual tenta ser ou ter na constituição do ego (Fanon, 2020).

A subjetividade é compreendida como algo que faz alusão ao indivíduo, ao psiquismo e/ou a sua formação, algo interno. Percebida como processo e resultado, sendo amplo e constituindo, em cada ser, a sua singularidade (Silva, 2009). No contexto social, essa construção está associada às condições construídas sócio historicamente, isso significa que a forma como percebemos o mundo, nossos valores, e identidades são moldados por nossas interações com outros membros da sociedade, que por sua vez é marcada pela História.

Como relata Hunty (2020), a realidade é subjetiva, existindo a partir do que conhecemos como sendo verdade, do que nos é apresentado e filtramos durante a formação e construção dos saberes. O que demonstra o quanto o convívio em sociedade desempenha um papel fundamental na formação do sujeito em seu meio, pois é através das relações sociais que se forma a subjetividade. Isso faz com que sujeitos que vivenciam situações de racismo bem como descaso diante do ocorrido se encontrem em sofrimento, o que implica em questionar se é possível para o negro superar esse sentimento de inferioridade, expulsar o caráter compulsivo que o aproxima do comportamento fóbico. Existe uma intensificação afetiva e uma ira por sentir-se pequeno e incapaz de ter qualquer interação e uma condição intolerável (Fanon, 2020).

Como citado na cartilha do CFP (2017), durante todo o período escravocrata, os “senhores” usavam estratégias psicológicas que faziam com que os negros se sentissem inferiorizadas(os), discriminadas(os) de maneira preconceituosas como forma de manutenção do poder e do lugar de incapacidade dos negros, bem como se é visto até os dias de hoje o quanto afeta a subjetividade desses indivíduos.

Assim, ainda segundo o CFP (2017), o racismo, manifestado como uma forma de violência, constitui um ato de terror cujas ameaças angustiantes geram perturbações cotidianas na vida da pessoa negra. Ao abordar um homem negro, a polícia imediatamente o considera suspeito simplesmente por sua condição de *ser negro*. Ao despertar, por vezes até de maneira inconsciente, uma pessoa negra já se prepara para enfrentar uma batalha diária, pois sabe que enfrentará vários episódios de assédio racial ao longo do dia.

Subestimam que uma pessoa negra, não se sinta bem em um determinado lugar ou até mesmo que não entre nele por possuir uma significativa quantidade de pessoas brancas, o que não quer dizer que seja uma suposta fobia ou perseguição, mas que tem relação com o racismo e o sofrimento causado por ele. Não pensando ainda no fato de que, por exemplo, algumas pessoas negras, num processo de seleção de Recursos Humanos, sem que saiba conscientemente, sejam recusados diante da oferta de trabalho, bem como sejam recebidos de maneira hostil ou com olhares de julgamentos em outros locais, deixando explícito a

insegurança que eventos traumáticos, devido a atos racistas, causam nestes indivíduos (Conselho..., 2017; Fanon, 2020).

Essa realidade ressalta o quanto as questões cotidianas que são enfrentadas por pessoas negras interferem na subjetividade do indivíduo e causam traumas em quem é com frequência exposto a tais situações, bem como o fato de não se sentir bem vindo em alguns ambientes, trazendo a invisibilidade e julgamento de que negro é uma pessoa inferior. Portanto, existem eventos que parecem inferiorizar a pessoa negra, impactando também no âmbito psicológico do indivíduo:

Quando chega na parte da adolescência que você sai com os amigos aí você percebe que alguns lugares que você vai não é tão aceito que você esteja ali, olham diferente, quando você sai com uma galera na rua e toma um enquadro do nada, que você entra numa loja e por mais que você vá comprar algo ninguém te atende, passa como se você fosse invisível, é realmente complicado (Jeferson Tenório).

Mesmo que alguém acredite que as ameaças racistas não se concretizarão, o medo persiste, pois o corpo carrega consigo o significado repugnante que instiga e valida a violência racial (CPF, 2017). O racismo perdura em um processo contínuo de "vir a ser", pois o negro adormece e acorda e essa prática permanece presente. Assim como mulheres negras sofrem diariamente sendo violentadas e tendo seu corpo visto de forma banal, como algo sexual, jovens negros de baixa renda e baixa escolaridade deliberadamente compõe a maior parcela da população carcerária brasileira (Conselho..., 2017).

Mombaça (2017), ao contextualizar a obra *Kindred*, na qual tem a personagem Dana, que emerge como uma máquina temporal, retrata essa realidade quando a personagem tem seu corpo negro intrincadamente entrelaçado em diversas linhas temporais através da reprodução socialmente condicionada ao regime de violência racial. A vida da personagem experimenta as marcas existentes do racismo, mesmo que de forma inconsciente, e a natureza contínua e opressiva desses atos violentos e exploratórios dos quais até os dias de hoje os corpos negros vivenciam cotidianamente. Isso indica que as pessoas negras revivem as experiências de um racismo e a violação de direitos que perpassam o passado e o futuro e se fazem sempre presente cotidianamente na vida da pessoa enquanto negro(a), seja nas ruas em abordagens policiais das quais intimidam, sendo menosprezado e humilhado. Como mostra a resposta do participante Lima Barreto ao falar sobre racismo:

Já teve uma situação de trabalhar de segurança, automaticamente já sabe, segurança, negro, teve um evento que fui em que tinha um rapaz no qual queria entrar no estabelecimento de forma inapropriada e começou uma confusão no qual eu como segurança responsável tive que intervir, e ele olhou pra mim e falou, o que que você acha que você é, só porque está com um cargozinho superior agora, mais quando você sai daqui você volta pra sua realidade e eu ando de carro importado, as vezes você toma aquele choque, é complicado só pela cor a pessoa julga isso e as vezes a pessoa nem sabe se o outro tem mais conhecimento além do que o outro sabe e julga (Jeferson Tenório).

Percebe-se, assim, que, muitas vezes, as pessoas são julgadas com base na cor da pele, independentemente de suas habilidades, conhecimentos ou posição profissional, mostrando a realidade de que, mesmo em circunstâncias em que o negro esteja exercendo um cargo relevante, as pessoas ainda podem ser alvo de discriminação racial.

Para Fanon (2020), a estrutura social muitas vezes confere à família branca o papel de detentores de certos padrões e convenções. Sendo a família a instituição responsável que vai dar prosseguimento como referência o primeiro eixo de constituição do indivíduo. Tendo como base a família branca como modelo para uma vida em sociedade. O negro se estivesse em um grupo social composto majoritariamente por negros, teria então a mesma sina da criança branca, mas, se pertencente a uma sociedade onde foi imposto outros costumes e crenças acabara se sentido diferente dos outros. O que faz com que muitos digam que eles se inferiorizam quando na verdade a sociedade acaba o inferiorizando por suas diferenças.

Segundo Fanon (2020), é importante destacar a questão não só da fase adulta, mais o impacto das representatividades na infância durante a escola, onde livros de história, e músicas retratam o negro como análogo a malignidade e algo negativo, fazendo-se de grande importância que cada vez mais livros com personagens negros postos de forma positiva se faça presente pelo menos até a conclusão do ciclo escolar, pois, existem traumas dos quais que são situados durante esse período; é também em razão dessa representativa que os participantes foram identificados com nomes de escritores(as) negros(as). O autor ainda descreve o fato de ao estar cercado em um mundo branco, o negro entrar em uma certa ação de sensibilidade, que, caso a estrutura psíquica se mostre frágil, acaba fazendo com que comportamentos e ações sejam de acordo as norma do branco, para que assim ele seja estimado, interferindo assim na sua autoestima.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visamos discutir, nesse artigo, os prejuízos psicossociais causados pelo racismo na construção da subjetividade do indivíduo, enquanto pessoa preta no conjunto social. Sendo respondida as questões centrais a partir das falas trazidas pelos participantes, bem como toda a narrativa exposta durante o decorrer da pesquisa. Com base nas questões citadas, é perceptível os danos que são causados pelo racismo na construção psicossocial da pessoa negra, pois existe todo um contexto histórico e social que abarca a construção de uma subjetividade marcada muitas vezes por sofrimento.

Toda luta diária das pessoas negras em se reafirma na sociedade, buscando conquistar seu lugar apesar de todos os desafios, que foram travados desde o contexto histórico até os dias de hoje, mostra o quanto essa construção subjetiva sofre interferências que causam sofrimento psíquico a longo prazo. Sofrimento esse que é pouco falado ou pouco exposto no meio social, e que muitas vezes não é entendido. Desse modo, além de demonstrar a complexidade do racismo em seus meios, visa mostrar como o racismo tem raízes que perpassam vários setores da vida do indivíduo enquanto negro.

Portanto, a presente pesquisa demonstra a importância de mais debates no campo da psicologia acerca da interferência do racismo na construção psicossocial da pessoa negra, pois a psicologia, enquanto um campo do saber que tende a trabalhar e compreender a subjetividade humana, tem como um dos fazeres estabelecer uma compreensão acerca desses entraves que se faz presente na construção psicossocial desse indivíduo em todos os âmbitos de sua vida, bem como fazer cumprir sempre o código de ética que é contra qualquer forma de opressão, negligência ou discriminação e visa pelo acesso ao direito de todos os grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**: Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: Referências Técnicas para a Atuação de psicólogas(os). Brasília: Agência Movimento, 2017. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf. Acesso em: 02 dez. 2023.

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. São Paulo: scielo, 2003.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HUNTY, Rita Von. **A Realidade é Subjetiva**. YouTube, 21 de Janeiro de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw&t=651s. Acesso em: 20 out. 2023.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. ERA, Rio de Janeiro, 1995.

JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

LIMA, F. **Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672020000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 out. 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: companhia das letras, 2019.

SCHUCMAN, L. V. **Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão**. Psicologia Política, 2010.

SILVA, F. G. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**. São Paulo Psicol. Educ. 2009.